Canalmoz

diário digital

Ano 8 | número 1708 | Maputo, Quarta-Feira 18 de Maio de 2016

Universidade Eduardo Mondlane treina ratos para detectar tuberculose

Maputo (Canalmoz) – A Universidade Eduardo Mondlane, em parceria com a APOPO – uma organização não-governamental belga que ajuda na detecção da tuberculose com recurso a ratos gigantes – e com o Ministério da Saúde, está a ensaiar, desde 2013, uma técnica para detectar tuberculose com recurso a ratos da espécie "cricetomys gambianus" também conhecida como "rato gigante africano". Os ratos desta espécie são geralmente utilizados em trabalhos de desminagem em Moçambique.

No projecto, os ratos são treinados para detectar amostras suspeitas de tuberculose. Quando um rato cheira uma amostra que contém tuberculose, o animal fica parado com o nariz no orifício durante três a cinco segundos.

Um comunicado da UEM explica que, desde a sua introdução em Mo-

çambique, em 2013, a iniciativa já permitiu detectar cerca de 2000 casos adicionais da doença, dos quais quase todos são casos de pacientes que tinham sido dados como perdidos pelas unidades sanitárias.

Nesta fase, o projecto está a trabalhar com oito ratos, todos envolvidos em trabalhos para detectar a tuberculose. Cada rato consome, em média, 12.000,00 meticais por ano, custos essencialmente inerentes à sua alimentação.

Segundo o comunicado da UEM, as unidades sanitárias da capital do país, nos últimos três anos, diagnosticaram 3877 pacientes com tuberculose. A este número somam-se 1867 pacientes diagnosticados pela APOPO, que não tinham sido detectados pelas unidades sanitárias locais, representando 48% da taxa de casos detectados e 54% de pacientes recuperados.

O rato gigante africano consegue ser muito mais sensível na detecção da tuberculose do que a microscopia óptica usada nas unidades sanitárias. Os ratos são mais rápidos, e o processo é mais barato em comparação com os hospitais.

Especialistas da UEM envolvidos no projecto esclarecem que o uso de ratos no combate à tuberculose em Moçambique ainda não é uma metodologia completamente validada, apesar dos resultados positivos que o método apresenta. Os resultados obtidos nesta técnica são sempre confrontados por uma outra técnica, cientificamente validada pelo Ministério da Saúde, e só depois é que são reportados os resultados às unidades sanitárias.

Apesar do impacto social que está a gerar, os seus mentores querem rentabilizar ainda mais o projecto, reduzindo para 24 horas o tempo que leva até à divulgação dos resultados finais.

Assim, o projecto lançou recentemente uma nova estratégia que consiste na recolha diária de amostras nos hospitais, com o objectivo de entregar os resultados da avaliação pelos ratos ao mesmo tempo que os resultados da baciloscopia realizada nas unidades sanitárias.

Para isso, três motoristas realizam uma ronda diária por quatro ou mais unidades sanitárias a partir das 12h00. A avaliação das amostras pelos ratos e a confirmação com microscopia de fluorescência decorre no período da tarde, e os resultados ficam disponíveis até às 22h00 do mesmo dia.

O projecto da APOPO trabalha em parceria com 15 unidades sanitárias da capital do país. Nesta fase, o projecto da APOPO abrange apenas a cidade de Maputo, está avaliado em 1,5 milhão de dólares e encerra em Abril de 2017. **(Eugénio da Câmara)**